

# A REGENERAÇÃO

AVENÇA

Ano XXII

Semanário regionalista

N.º 681

Composto e impresso na *Tipografia Figueiroense*  
Figueiró dos Vinhos

Director, Editor e Proprietário:  
**Doutor Manuel Simões Barreiros**

Redacção e Administração — Bairro Teófilo Braga  
Figueiró dos Vinhos

## Obrigações de Civismo

Com uma palavra de comentário justo como sempre, r. fern Salazar o pensamento cheio de observação duma figura contemporânea marcante: "a gratidão pertence à história"

Não causa estranheza o dito conceito. Os grandes realizadores, os grandes pensadores, os grandes estadistas, os artistas de génio, vivem afliktivamente a vida numa luta sem tréguas entre seus anseios e a incompreensão, o despeito e a inveja de seus contemporâneos.

Isto é de todos os tempos, de todos os climas e de todas as gentes. Raras vezes se perdoa aos revolucionários construtivos, porque sempre excedem a capacidade de entendimento dos seus demolidores.

Duarte Pacheco, para só referir quem já deu contas a Deus, foi duramente criticado e até de onde em onde grosseiramente apreciado, só porque era excepcionalmente dotado com extraordinárias qualidades de inteligência, de trabalho e de visão criadora.

Comença agora a medir-se a sua obra de administrador da coisa pública, mas como que a medo, no inferior receio de confissão honesta de sepantosa superioridade desse admirável obreiro do Estado Novo.

Só reconhece o valor alheio quem tem real valor próprio, que não é moeda tão corrente como muita gente julga. Desconcerta assistir às discussões nas múltiplas tertúlias que pululam por essa Lisboa, onde porta sim porta não, há um café, um bar ou uma pastelaria.

Desde a política internacional até ao banal estendal de soalheiro, com predomínio, claro está, do cinema e do jogo da bola, tudo vem à baila pachecamente pela boca duns tantos senhores que peroram em ar catadrático a um auditorio babado de gozo e extático de admiração.

E todavia o topete corrê parêlhas com enciclopédica ignorância mais digna de do que de indignação.

O português é vivo, arguto mesmo, mas mentalmente preguiçoso, incapaz por via de regra dum esforço metódico e persistente. Seria bom que todos se convencessem desta verdade axiomática: perspicácia não supõe o estudo.

As coisas, ou se estudam e se sabem, ou não se estudam e ignoram-se.

O ignorante torna-se cabotino se não se recolhe áquele silêncio prudente que é de ouro segundo a sabedoria das Nações.

A que vem todo este arrazoado? Muito a propósito da ligeireza com que se comentam os actos políticos e se dá guarida ás mais absurdas atoardas.

Teuho propositadamente intervido em debates acerca da mar-

cha dos negócios públicos. Em 95% dos casos os inflamados oradores tinham a lição em branco.

Quem assim procede, induzindo em erro o seu semelhante, ajudando a criar ou fomentando atmosfera de inquietação, é mau cidadão e pratica um acto criminoso.

A liberdade de pensamento que a Constituição garante e a censura não tolhe, tem por limites o decôro, o pudor mental e a dignidade. Para além destas fronteiras naturais das almas bem formadas, começa o lodo, e este, político ou social, é lodo e como tal repugnante.

Gustavo Le Bon ensinou uma grande verdade, que tem nos tempos que correm flagrante oportunidade. «Não existe partido extremista que não reclame a liberdade, mas todos pretendem que ela predomine com métodos idênticos aos empregados outrora para impôr a sujeição».

Anda à solta pelo mundo em nome da liberdade a mais feróz tirania de todos os tempos. Desfraldam

(Continua na 3.ª página)

## Pela fé se rege

## PORTUGAL

Citamos de cor esta definição de um respigador de velharias ao referir-se aos cruzeiros de Portugal: memórias de pedra registando fastos de que se não lavrou decômento: escrituras de remotas eras que ficaram por assinar. Melhores palavras seriam difíceis de se escrever para começo da notícia, redigida a propósito de uma reunião da Confraria de Nossa Senhora da Conceição do Minho, reunião realizada no Governo Civil de Viana do Castelo e que teve como objecto único a apreciação de vários assuntos ligados à construção do Cruzeiro da Serra de Arga—que ficará sendo o maior Cruzeiro do Império!

A Serra de Arga—escrevemos agora para quem a não conhece—é um dos pontos mais pitorescos e bucólicos da região minhota. Miradouro natural encravado em pleno coração destas terras de alegria, tendo como cenário magnífico a multiplicação da distância, dominando a lonjura verdejante, usando como velário incomensurável o azul do nosso céu, a Serra de Arga bem mere-

## Obras

Encontram-se terminadas as obras respeitantes ao fontenário da Praça dr. José Pimenta.

Esta obra que faz parte do embelezamento em frente do mercado do peixe dá um aspecto interessante à praça.

Também se trabalha activamente na construção do Bairro de casas para os pobres.

## Mocidade Portuguesa

Por ordem de serviço do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa foi extinto o Centro Extra Escolar n.º 3 com sede nesta vila e criado o Centro Escolar n.º 4, para os alunos da Escola Secundária da Câmara Municipal.

Pela mesma ordem foi nomeado director do novo Centro o ex.º sr. dr. Sérgio dos Reis, digníssimo director daquele estabelecimento de ensino.

As actividades continuam no novo centro.

## Igreja Matriz

Terminaram os trabalhos de embelezamento da torre e frontaria da nossa Igreja Matriz.

Todavia a reparação geral continua.

## Sempre jogo franco

A pedra regular do regime residiu, desde a primeira hora, a que soou nas fanfarras da arrancada magnífica de Braga, — na lealdade. Outro caminho jamais foi escolhido pelos estadistas ou antes, pelos homens bons, reunidos em volta do Chefe como tropas de choque aguentando as consequências de uma péssima herança.

A tarrafa tem sido das mais difíceis. Mas mercê de Deus e da honestidade de processos, a nau do Estado já singra fora da tormenta, em águas menos agitadas. E se a estabilidade da vida internacional se fixar (como é de supor) numa paz se não bíblica pelo menos duradora, estamos convencidos de que a rota de Portugal será estabelecida definitivamente em maré de rosas.

Que nos perdoem o devaneio da pena, mas quando se escreve algo da administração do Estado Novo, o pensamento anota tantos exemplos e considerandos que a mão segue facilmente na anunciação dos mesmos.

Perdoem-nos portanto, já que a razão de ser desta notícia foi registar orgulhosamente, num bem sentido orgulho nacionalista, a franqueza de dizeres da recente nota do Ministério das Obras Públicas, esclarecendo «que, infelizmente e apesar dos esforços e boas vontades, ainda não está para breve a passagem através da zona do antigo Arsenal».

Trata-se de uma explicação rebatendo boatos de estar por pouco o começo de obras para a ligação do Cais do Sojré ao Terreiro do Paço—forma melhor de descongestionar a velha rua do Arsenal, movimentada artéria

da baixa pombalina da capital. Como o boato já ia tomando ares de coisa resolvida, o respectivo ministério apressou-se a pôr os pontos nos i, isto é, explicar os motivos porque as obras não principiam imediatamente. Tal atitude, vem apenas ao encontro da definição de Salazar: «A definição de Governo é uma função permanente de verdade e de justiça».

«In illo tempore»... a coisa passaria a «história mudista» sem a menor rectificação. Estava nos hábitos dos governantes deixar correr a «galga». Sim! Porque, enquanto corresse ia dobrando pano para mangas... electorais.

## Inspecção de Finanças

Em serviço de inspecção na Secção de Finanças do nosso concelho, encontra-se nesta vila o ex.º sr. Inspector de Finanças, Nobres Marreiros e seu adjunto sr. João Codeira.

## BATATA

A Junta Nacional das Frutas chama, de novo, a atenção da lavoura para o preço da «batata-semente», importada da Holanda e da Dinamarca que é de 220\$00 o sacco de 50 kg., em Lisboa e Porto, accrescido apenas de despesas normais de transporte do local de expedição ao destino.

A sua aquisição só pode ser feita por intermédio de Gremios de Lavoura.

## Festa de S. Sebastião

Realiza-se amanhã, domingo— a festa de S. Sebastião que como de costume deve ser muito concorrida.

A festa é abrilhantada pela Filarmónica Municipal e é orador sagrado o Reverendo Padre Iuglez.

## Colheita da Azeitona

Está no final a colheita da azeitona, neste concelho, que foi mais abundante e de melhor qualidade do que a princípio se esperava.

Todos os proprietários são obrigados a fazer o manifesto da produção tida como anunciam os editais alixados nos lugares do costume.

## Estrada do

### Fontão à Póvoa

A Câmara Municipal do nosso concelho, traz em construção a estrada do Fontão-Fundeiro à Póvoa.

Para este melhoramento o povo desta última localidade contribuiu com dinheiro e mão de obra, conforme a lista de subscritores que noutra lugar publicamos.

## Cantina Escolar

Está em pleno funcionamento, a Cantina Escolar, que como nos anos transactos, distribui diariamente a refeição do meio dia ás crianças mais necessitadas das escolas desta vila.

# DIFICULDADES

## na Paz

Tem-se dito, e com verdade, que, apesar de tudo, apesar das dificuldades que o Mundo atravessa, nós somos dos povos que vivem a sua vida numa ordem e equilíbrio sociais e económicos relativos e de apreciar. Mercê da política sábia — «política de verdade» — que o Governo Português aplica e desenvolve no domínio dos interesses e das realidades nacionais, temos conseguido atravessar a crise grave, que é consequência da última guerra, sem perturbações internas, tanto na produção como no consumo. Não quer isto dizer, todavia, que a época presente seja para nós uma época de optimismos e isenta, portanto, de apreensões e de dúvidas. E' que, por melhor que fosse ou seja o processo administrativo e político que determina a governação pública, em caso algum poderíamos fugir às mil dificuldades de ordem económica que a guerra necessariamente havia de provocar mesmo no seio das nações que nela não entraram como partes beligerantes. Nestas condições, importa que sejamos justos em nossas apreciações e juízos, quando tentarmos de considerar actos do Governo em relação, principalmente, às coisas da vida económica da Nação. Nem tudo corre, infelizmente, nesta matéria, como é do nosso desejo e da nossa necessidade.

A culpa não é de quem governa, mas das circunstâncias adversas que não podemos vencer. Não devemos esquecer, por exemplo, que temos tido mais anos agrícolas — e já são três seguidos — e que, por isso, em muitos géneros de primeira necessidade, ficamos na dependência do estrangeiro, que nem sempre pode corresponder às solicitações das nossas necessidades. Lembremo-nos ainda da dificuldade de transportes internos e para as nossas importações; das exigências imperiosas de países devastados pelo conflito mundial; das greves da América, etc..

Além de tudo, o comércio económico internacional não é livre, pois todos sabemos que nenhum país pode comprar e importar o que lhe apetece, e antes há de sujeitar-se ao racionamento dirigido por organismos destinados a controlar as quantidades de géneros comprados no estrangeiro. Ora isto dá-nos desde logo a medida das dificuldades que se encontram na frente do Governo, quando pretende satisfazer o consumo da Nação. Não obstante, a política diplomática dos nossos governantes tem vencido grandes obstáculos internacionais neste sentido, e é por virtude disso que, de alguma maneira, vamos mantendo o equilíbrio e a ordem do consumo nacional. O que se conseguiu com a batata e, ultimamente, com a carne congelada, manteiga, banha e toucinho, importados da Argentina, mostra, efectivamente, que o Governo está atento ao problema e que o vai resolvendo tanto quanto possível satisfatoriamente.

Perante estas realidades e factos, nós temos obrigação de confiar na política económica e administrativa do Estado Novo, e, acima de tudo, devemos encerrar as dificuldades da hora presente com resignação e espírito de sacrifício, sempre na certeza de que o Governo Português é o melhor que pode fazer para

que a nossa vida se não perturbe ou agrave.

Há problemas de capital importância cuja solução se não alcança tão depressa como todos desejaríamos se alcançasse; mas isso provém dos obstáculos insuperáveis a que nenhum país será capaz de fugir, por melhor que seja a sua política económica. Consideramos, no entanto, que, entre nós, alguns desses problemas se resolveram já, e que outros estão sendo equacionados com inteligência, com vontade firme e visão clara das realidades, como, por exemplo, o que se refere à nossa marinha mercante. O que se tem feito neste capítulo e o que se procura fazer ainda, dá-nos direito a encerrar os acontecimentos relativos ao abastecimento público com serenidade e confiança.

A.

### Reverendo Padre Cesar F. de Albergaria

Em casa do sr. António Andrade, distinto Secretário de Finanças do nosso concelho, encontra-se a passar alguns dias o Reverendo Padre Cesar Ferreira de Albergaria, Monsenhor do prelado de Lisboa.

**Na sua qualidade de delegado do Grémio Nacional da Imprensa Diária e como iniciador da campanha a favor da infelicitada Pequena Imprensa, Luiz Barradas (Almeida) solicitou daquele Organismo o estudo do nosso problema.**

«A Sua Ex.ª o Senhor Presidente da Assembleia Geral do Grémio Nacional da Imprensa Diária Largo do Chiado, 12-3.ª—Lisboa

Il.ª e Ex.ª Senhor

«Como iniciador da grande, da mais intensa campanha que se vem travando nos Jornais portugueses a favor da nobre Pequena Imprensa ou Imprensa Regionalista, cuja situação económica alarmante ameaça de sorte um dos nossos mais vigorosos sustentáculos, dos mais vigorosos e patrióticos baluartes da vida da Nação, e na minha qualidade de delegado a esse prestimoso Grémio Nacional, venho solicitar de V. Ex.ª o especial favor de apresentar esta magna questão a discussão da nossa próxima Assembleia Geral, tomando em atenção os interessantes alytires apresentados no artigo do ex.ª sr. Amândio Nais, illustre director da «Vida Regionalista», de Arazeda, publicado em fundo daquele órgão regionalista no seu número correspondente a 15 de Dezembro último e de que tomo a liberdade de juntar um exemplar.»

«Agradecendo desde já a boa atenção de V. Ex.ª para este magno assunto, tenho muita honra em me inscrever muito respeitosa-

Luiz Barradas (Almeida)

## Comissão de Melhoramentos

### da Póvoa

Conforme prometemos, publicamos hoje a lista de subscritores com numerário e dias de trabalho que a Comissão de Melhoramentos da Póvoa enviou à Câmara Municipal do nosso concelho, para a construção da estrada do Fontão Fundeiro à Póvoa

#### Lista dos subscritores com numerário

José Lopes Vinhas	1.600\$00
Manuel Mendes	1.600\$00
Manuel Lourenço	1.000\$00
Albano Lourenço	500\$00
José Lopes Júnior	500\$00
Vitorino Lourenço	300\$00
Antero Vinhas Lourenço	200\$00
Artur Lopes Vinhas	200\$00
João Vinhas	200\$00
José Henriques Lopes	200\$00
Marcelino dos Santos	200\$00
Joaquim Rodrigues Simões	150\$00
António Mendes	100\$00
Joaquim Rodrigues	100\$00
José dos Santos Fernandes	100\$00
Manuel Alves Nicolau	100\$00
Marcolino Joaquim	100\$00
Albano Henriques	50\$00
António dos Santos João	50\$00
João Tomaz	50\$00
Joaquim da Guia Simões	50\$00
Joaquim Simões Vinhas	50\$00
José Carvalho dos Santos	50\$00
Manuel Vinhas	50\$00
Joaquim Rodrigues (Póvoa)	50\$00
Esc.	7.505\$00
Juro recebido da Caixa Geral de Depósitos	59\$60
Total Esc.	7.564\$60

#### Lista dos subscritores com dias de trabalho

Albano Henriques dos Santos	6 dias
António Baeta	6 "
Manuel Mendes Ferreira	6 "
António dos Santos	6 "
Joaquim da Conceição Rodrigues	6 "
Aurora de Jesus	6 "
Albino Coelho	6 "
Joaquim Antunes Cêpas	6 "
Bernardino C. elho	5 "
Adelino Rodrigues Rosa	5 "
Manuel Domingues	4 "
José Henriques	3 "
Américo Alves	3 "
Manuel João	2 "
Total	70 dias

Todos residentes na Póvoa.

### Baile dos caloiros

No passado dia 18 realizou-se no amplo ginásio do liceu D. João III o 3.º Baile dos caloiros.

O baile foi aberto pelo senhor Reitor da Universidade, a convite do académico Renato Luis que fez parte da comissão bem como o académico Fernando Sebastião.

O produto do baile reverteu a favor da grande obra do professor dr. Elísio de Moura, Asilo da Infância Desvãlida.

O baile que estava muitíssimo concorrido foi abrilhantado por um acto de variedades e por quatro grandes orquestras, entre elas a Caravana.

Estão pois de parabens os estudantes Renato Luis e Fernando Carvalho.

### Quando as guitarras choram...

D'aigures: Hilário, o último boémio, perdeu-se um médico, mas ficou um idólo!

Hilário — para quê o seu nome completo Augusto Hilário da Costa Alves? — entrara em Coimbra, certo dia a matricular-se na Universidade. Destinava-se à medicina. Mas, em vez de se preparar para a espinhosa profissão de Galeno, passou a dedicar-se à boémia esfusante que atraira tão altos espíritos de Murger a João Penha.

Durante anos a sua capa velhinha, cheia de rasgões passou a ser a bandeira evocativa dessa Coimbra deliciosamente boémia de João de Deus e Gonçalves Crêsp?

E, enquanto o rito universitário impunha a acumulação de estudo para a passagem do ano, transformando o aluno em pródigo fo-mige, Hilário continuava a ser a leviana cigarra que leva a vida a cantar.

Era vê-lo, nas noites luarentas, passar de cabeleira ao vento e a capa a rastos, constelada de nódoas e rasgões, cantando na sua voz melidiosa:

*A minha capa velhinha  
Tem a cor da noite escura,  
Nela quero amortalhar me  
Quando for p'ra sepultura*

E elevando a voz, num desaba-

fo lírico que não fazia mal a ninguém proclamava:

*O mar também tem amante  
O mar também tem mulher,  
E' casado com a areia.  
Dá-lhe beijos quando quere.*

E assim foi reprovado nalguns preparatórios e no 1.º ano de medicina.

Tendo se despedido de João de Deus voltou à sua Coimbra amada, e ali se conservou durante meses. Não devia ter avançado nos seus estudos mas Portugal inteiro já sabia de cor o Fado Hilário.

Em Abril do ano seguinte, tendo ido a Viseu, sua terra natal, passar as férias da Páscoa, a morte empulgou-o. Tinha trinta e dois anos de idade. A sua aspiração estava realizada. Desceu à sepultura amortalhado na sua capa velhinha...

### Bentes...

Tavares da Silva veio a Coimbra ver o desafio de foot-ball Académica—Porto. Mais uma vez o seleccionador nacional escreveu um artigo no Diário de Lisboa onde enaltece as qualidades do jovem Bentes, o «rato-atómico». Mais uma vez Tavares Silva mostrou que o jovem académico lhe deixou muito boas impressões. Contudo nós confiamos...

Nesse artigo o seleccionador nacional também afirma a boa classe de Eduardo Santos. Rápazes, esperamos e confiamos... no valor da selecção nacional.

### Calhabé-Lusitânea

Realizou-se no domingo passado o encontro de foot-ball entre as equipas de juniores dos clubes representativos do Calhabé e da Lusitânea que venceu por 3-0.

Como sabemos a defesa do grupo do Calhabé é constituída pelos nossos conterrâneos Madeiros e Fernando Carvalho.

Medeiros está em boa forma e revela boas qualidades e principalmente é muito oportuno, evidenciando-se assim como o primeiro na sua jovem equipe.

Fernando, estreante, mostra-se um pouco indeciso nas jogadas, mas, com mais jogos e prática estamos certos que prometerá.

## Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos

No dia 2 do corrente mês, e pelo ex.ª sr. dr. Eduardo Caetano Nunes, illustre presidente da Assembleia Geral, foi dada posse aos corpos gerentes eleitos para 1947 e de cuja Direcção fazem parte os nossos conterrâneos srs:

Mário Deniz Ferreira  
Bertelin Simões da Silva  
Augusto Gomes da Costa  
Adolfo Albuquerque Sequeira  
Alvaro Francisco dos Reis  
José Coelho das Neves  
José Antunes Neto  
Alberto Varandas  
Alvaro Simões

Nesta sessão, a que compareceram muitos sócios e amigos da Casa, apresentou as suas despedidas, por motivo da sua recente partida para os Estados Unidos da América do Norte, em viagem de estudo, o sr. dr. Fernando Lacerda, presidente

da Direcção transacta, a quem esta colectividade muito fica devendo. Foi-lhe prestada calorosa homenagem por todos os presente que, em breves discursos, enalteceram as suas qualidades de caracter e o muito que tem feito pela causa regionalista. Seguiu-se um «Porto de Honra», oferecido pela nova Direcção áquele seu illustre amigo e conterrâneo, em que voltaram a fazer-se novas afirmações de muita simpatia e amizade pelo homenageado.

No passado dia 14 reuniu pela primeira vez a nova Direcção, estando presentes todos os seus membros, que afirmaram o seu desejo de contribuir para o maior desenvolvimento da Casa dentro do melhor espirito de colaboração.

Foram resolvidos e aprovados por unanimidade nesta reunião os seguintes assuntos:

Oficiar às Câmaras dos três concelhos que compõem a Comarca de Figueiró dos Vinhos, e aos jornais de Figueiró e Castanheira, manifestando-lhe o seu propósito da melhor colaboração em todos os assuntos de interesse regional;

Organizar e procurar dar o maior brilho às festas do Carnaval;

Admitir cerca de 30 novos sócios propostos;

Mandar confeccionar uma nova bandeira mediante um orçamento que foi presente por uma casa da especialidade;

Manter as reuniões semanais às terças feiras;

Dar notícias dos assuntos tratados semanalmente, e de tudo que interesse à vida da Casa e da região, aos jornais da Comarca,

E tratar de vários assuntos de expediente.



# DA QUÉM TREVIM

Número 12

Página Regional de Castanheira de Pera

Ano I

Avença

Redigida por Luro & Egal

## Piparotes...

1 Este ano o frio por estas paragens tem sido bastante e as temperaturas baixíssimas. De tal maneira houve frio que até o próprio cisne da Casa da Criança morreu... Já estava desacostumado de frio desta natureza.

2 O lido cinco, deixou bastantes cadáveres e causou certo pesar sobretudo a quem o tinha como pretexto de visitas ao local, levando-lhe até vilão.

3 Em sua substituição e para que o lido não esteja sem aves, chegaram lá uns patinhos que também não deixam de ser interessantes.

4 Desta maneira voltam as crianças a ter novamente com que se interter e distrair, mas não as que lá estão. Essas lá tem as suas obrigações e divertimentos devidamente regulamentados.

5 Porque será que o Jardim da Casa da Criança, sendo como é um recinto como há poucos em Portugal, não tem a frequência devida por parte dos Castanhelenses? E' que nem mesmo ao domingo.

6 Todavia, seria interessante ver por ali bastante frequência, pois o recinto valorizar-se-ia ainda mais, tornando-se indispensável aos habitantes e fazendo dele, por assim dizer, a sala de visitas desta vila.

## Identificação de ruas

Deliberou a Câmara Municipal e muito bem, mandar proceder à identificação das Ruas da Vila e, conseqüentemente à sua numeração. E' verdade que muitas ruas precisavam, antes, de serem convenientemente regularizadas, mas isso, concordamos, é obra que não se faz repentinamente e, portanto, há que proceder primeiramente à identificação.

Agora que se vai tocar em tal assunto, não deve deixar de ser oportuno lembrar que não há nesta vila qualquer Rua ou recinto que lembre o muito que a Castanheira deve a um dos seus filhos mais ilustres e, sobretudo, mais benemerito. Trata-se do Visconde de Nova Granada. Todos sabem que a ele se ficou devendo, bem como à sua esposa, a construção do nosso Hospital que é ainda hoje um estabelecimento digno de nota. A primeira captação de água levada a efeito para abastecimento do Hospital e depois do publico, a ele se deve também. A construção das Escolas da Vila, que tem o nome do Viscondessa de Nova Granada, são ainda devidas à sua iniciativa e se a morte o não lhe colidido cedo, certamente que muitos mais benefícios e melhoramentos teriamos que registar.

E', pois, justo que se aproveite o ocasião para que a uma rua ou recinto se dê o seu nome. E' certo que no jardim do Hospital se en-

## O Problema das Lãs

Algumas palavras acerca da Exposição de Sua Ex.<sup>a</sup> o sr. dr. Ubach Chaves, como Presidente da F. N. I. L., enviada à Assembleia Nacional

Embora o assunto não nos diga directamente respeito, temos acompanhado com interesse os debates na Assembleia Nacional, a respeito da defesa do lavrador, mormente da do produtor de lãs. E' incontestável que a lavoura de nosso País carece de que os poderes constituidos olhem para ella com muito carinho, pois é principio elementarissimo — de resto em todo o mundo — que do campo tudo vem. Se assim é — e é mesmo — não pode o Governo fechar os olhos aos justissimos interesses dos lavradores, considerando-os dos mais generosos elementos da sociedade. Esta opinião pode ser discutida e, se alguém o quiser fazer com senso e delicadeza... lá diz o tal outro; muito prazer.

Entretanto, é preciso distinguir bem até onde podem ser considerados justissimos os interesses dos lavradores, mormente dos produtores de lãs, como acima dizemos. E' incontestável que, para bem da economia nacional, devem ser defendidos os preços dos varios productos e, neste caso, lembra-nos o trigo e outros; mas, se é muito de recomendar tal pratica, não é menos fazer uma criteriosa diferenciação entre defesa do produto e especulação, ou mais exactamente, o aproveitar a colocação de determinado produto em condições ultra vantajosas, lá porque o referido produto escasseia e muita gente o procura. Isso, então, muda de figura!

E foi assim, pensando deste modo, que viemos a interessar-nos, dum'a forma especial, pelo problema das lãs, e apreciamos as palavras do illustre Presidente da Direcção da Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios, considerando-as muito oportunas, muito sensatas, e sólida base para muito dizer, o que não está bastante próprio para as columnas do jornal a que destinamos este escrito.

Nas suas palavras, o dr. Ubach Chaves tem uma coisa que o acredita junto de toda a gente de bem: os números. O illustre Presidente da Direcção da Federação não se contenta com hipóteses, com números meramente abstractos, com o tal talvez ou o é possível. Nisto reside, essencialmente, a consistência das suas afirmações. Na sua exposição cita números, dá elementos que não têm contestação possível. E contra isto... que fazer?

Em nosso entender a única resposta que vem é esta: contra isto é necessário valorizar equilibradamente a lã nacional, apreciar tecni-

camente o seu toque e a sua finesse em relação ás melhores lãs estrangeiras, a essas que chegam até nós, depois de satisfeitos todos os lucros, mais baratas e em melhores condições de serem manufacturadas do que as nossas. As nossas lãs, está visto, são boas para a nossa industria e artigos há em que não se dispensam. Contudo, não é natural pagar-se o artigo de materia prima nacional — nomeadamente o surrobeco e congêneres — por preços semelhantes aos dos fabricados com as melhores lãs estrangeiras, que não são melhores por serem estrangeiras mas sim porque o são. Dizemos isto, para que não sejam tomadas as nossas palavras como as dos tais que acham bom o que foi feito além fronteiras... quantas vezes na terra deles.

Surge, agora estas perguntas: mas os produtores de lãs nacionais estão perdendo dinheiro? E os comerciantes dessas lãs? Terão uns e outros margens razoáveis de lucros? A tudo isto responde o dr. Ubach Chaves com números, não estabelecendo, positivamente, o quantitativo de escudos que cada produtor ou negociante auferir nas suas transacções, mas dizendo com clareza que eles não são desprezíveis, como de certo modo pretendem defender.

A exposição em referência tem, em essência, um significado que merece os mais rasgados louvores: a defesa do publico, em geral. A voz do seu autor levanta-se com autoridade acima de todas as demais, pois ella não faz a sua própria defesa, mas sim a do consumidor, que de tanta protecção necessita.

Pomos em relevo esta passagem, que se sintetisa na questão seguinte: porque fica caro um fato?

A isto vale a pena responder com meia dúzia de palavras, ou nem isso: o alfaiate que o diga!

Realmente os feitos estão pela hora da morte!

Mas, como de início dissemos, este assunto tem muito que se lhe diga, e o jornal não é nosso. Muito gratos estamos pelo bocadinho que nos dispensam e... abusar não é do nosso uso.

Resta-nos dizer que as palavras do criterioso dr. Ubach Chaves caíram bem porque são sensatas, porque são documentadas, porque são justas, porque, em resumo, exprimem a verdade e collocam no seu lugar legitimo muitos conceitos que a imaginação fecunda de lá deslocou.

## Serviços de homenagem

Por despacho ministerial, foi prorrogado o prazo de conferências neste concelho até 20 de Fevereiro próximo.

mes ilustres que representem um preito de Homenagem da Câmara, representante legal do Povo.

contra os bustos dos Viscondes, conde de Nova Granada, nome pelo qual ficou mais conhecido o Beneficente do povo deste concelho, mas uma homenagem da Beneficência Portuguesa de São Paulo, salvo erro. Também é verdade que há uma rua, a do Correo, que tem o nome de Alves Barreto, mas ao certo ninguém sabe se tal nome tem ou não alguma relação com o Vis-

## Dá-se o seguinte...

1 Consta que vai ser qualquer coisa de muito bom o estabelecimento hoteleiro cuja construção se pretende levar a efeito no sitio da Fervença, ali mesmo a entrada da vila. Talvez que no próximo número já possamos dizer mais qualquer coisa a este respeito.

2 O Edificio dos Pagos do Concelho, por dentro, foi reparado há pouco e ficou bom. Porém, por fora, especialmente, no lado da Rua Manuel Alves Tomaz, deixa muito a desejar e está mesmo a pedir pronta reparação.

3 Vai a Câmara mandar proceder à identificação das Ruas da vila numerando os prédios. Há muitas ruas que nunca viram nome e são conhecidas por designações antigas e outras vão buscar o nome a qualquer Rua sua vizinha. Na verdade tal serviço não deixa de ser útil.

4 Seguidamente, impõe-se que a Câmara providencie para que haja mais respeito por essas mesmas Ruas applicando multas a quem se sirva delas para despejos de tudo o que nella caeiem os galinhas num avouate que apetece apanhar-las e levá-las.

5 A Junta de Freguesia do Concelho Grande foi attribuido pela Câmara o subsidio de Esc. 5.000\$00 para melhoramentos e mais Esc. 2.300\$00, para o seu expediente.

6 A Junta de Freguesia de Castanheira de Pera, foi contemplada também com os subsidios de Esc. 3.600\$00, para fins de assistência e mais Esc. 2.300\$00, para expediente.

## PLANO de Urbanização

No passado dia 11 deste mês já foi na Câmara celebrado o contrato com o respectivo Arquitecto para a elaboração do Plano de Urbanização desta vila que vinha fazendo bastante falta. A partir desta data, todas as obras a realizar dentro do perimetro da vila abrangido pelo plano, já ficam sujeitos ao parecer do Arquitecto responsável. Oxalá que se entre no bom caminho e que a vila de Castanheira de amanhã, seja qualquer coisa bem diferente da de hoje. Há que pensar em novos arruamentos que tornem esta terra melhor e com espaço bastante para construções. E' oportuno lembrar a Avenida em que diversas vezes temos visto falar que partindo do Clube ligasse com a Rua João Bebiano, em linha recta. A abertura desta arteria daria espaço bastante para novas construções, tornando a vila melhor e valorizando os terrenos que beira dela ficassem.